

## **Braga: o frágil equilíbrio entre preservação dialetal e standardização**

CELESTE RODRIGUES, [celesterodrigues@campus.ul.pt](mailto:celesterodrigues@campus.ul.pt)<sup>1</sup>

No presente artigo passamos em revista os principais resultados de uma série de trabalhos anteriores acerca de catorze fenómenos fonéticos do Português Europeu (PE). Far-se-á uma breve avaliação de cada um deles, quanto à variação que admite nos dados recolhidos e já tratados do corpus CPE-Var (Rodrigues, 2003), em função do seu papel na língua portuguesa. Essas características fonético-fonológicas permitem distinguir as duas variedades linguísticas de PE, representadas pelos dados de falantes nativos de duas cidades, Lisboa e Braga. Foram encontradas características distintivas suficientes para concluirmos que a fala contemporânea de Braga se encontra numa fase de equilíbrio frágil, na qual fenómenos de preservação de traços dialetais conservadores competem com traços inovadores assimilados por efeitos de standardização.

Palavras-chave: preservação, standardização, variável, variante, mudança

This article sums up the results of fourteen linguistic phenomena of European Portuguese (EP), formerly presented elsewhere by the author. We will discuss and evaluate the results of each feature, according to their variation pattern and their role in the phonology of EP. Data were raised by our corpus, CPE-Var (Rodrigues, 2003). Our selection of phonetic-phonological features clearly differentiates spoken Braga EP from spoken EP of Lisbon speakers. The analysis of these properties leads to the conclusion that spoken EP among natives in Braga is nowadays under pressure of two contending forces: one tending to preserve conservative dialectal features and the other one trying to impose innovative features present in the standard variety of EP, spoken in Lisbon. Contemporary spoken EP in Braga is, then, characterized by the fragile balance between dialectal preservation and standardization.

Keywords: preservation, standardization, variable, variant, change

---

<sup>1</sup> Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras - DLGR e CLUL, Lisboa, Portugal.

## **Introdução**

Ao longo dos últimos quinze anos, tenho centrado o meu trabalho na análise de fala espontânea do Português Europeu. Encetei a constituição de um corpus estratificado de fala e leitura com dados de duas cidades, Lisboa e Braga, nos anos de 1996 e 1998. Esses dados fazem parte hoje do CPE-Var, um corpus ainda em construção final no CLUL. É com base em alguns desses materiais que irei discutir a importância relativa de alguns fenómenos fonético-fonológicos em PE nas duas variedades faladas nas cidades acima referidas, pertencentes a duas variedades dialetais distintas. A avaliação de um conjunto relativamente alargado de características fonético-fonológicas variáveis permite-me concluir que o português falado em Braga se caracteriza por passar, nesta altura, por uma fase de equilíbrio frágil entre preservação de traços dialetais e standardização.

Segue-se uma breve descrição do corpus utilizado, incluindo referência ao tipo de entrevista a que os informantes foram sujeitos. A seguir a essa descrição, apresenta-se o elenco dos aspetos sociolinguísticos dos fenómenos que dirigiu a minha reflexão e, depois, serão apresentados de forma sucinta os fenómenos variáveis, organizados em função de serem fenómenos registados só em Braga ou de serem variáveis nas duas cidades. Finalmente, serão alinhadas algumas considerações finais com a apreciação das tendências de mudança.

## **Descrição do CPE-Var**

O CPE-Var é constituído por 180 entrevistas singulares, gravadas em circunstâncias idênticas pelo mesmo entrevistador, de duração variável, mas comportando para todos os informantes alfabetizados uma parte de leitura e outra de fala informal. As entrevistas duram entre 60 e 90 minutos. Os informantes foram aleatoriamente selecionados entre os falantes nativos das cidades de Braga e Lisboa com os perfis socioculturais pretendidos. Os falantes foram entrevistados, em quase todos os casos, em ambiente familiar (no local de trabalho ou casa), na ausência de outros participantes. As salas onde as gravações decorreram eram calmas, mas não insonorizadas. O gravador usado foi o Marantz PMD 222 recorder, equipado com um microfone externo Uher unidirecional. A recolha das entrevistas foi efetuada entre 2006 e 2008.

Os informantes enquadram-se nos seguintes perfis socioculturais: falantes dos dois géneros (F/M) com idades compreendidas entre: 13-19 (faixa etária 1), 20-25 (faixa etária 2), 26-39 (faixa etária 3), 40-55 (faixa etária 4) ou mais de 55 anos (faixa etária 5), falantes com graus de instrução inferiores à 4ª classe antiga (grau de instrução 0), com a 4ª classe/o antigo ciclo preparatório/até ao 9º ano de escolaridade (grau de instrução 1), com o 12º ano ou equivalente (grau de instrução 2), com licenciatura pelo menos (grau de instrução 3).

As entrevistas de tipo sociolinguístico<sup>2</sup> foram inspiradas na metodologia laboviana, embora introduzam inovações na ordem das tarefas com o propósito de obter um grau de informalidade superior. Incluem fala inicial controlada (DF - discurso formal), leitura de palavras isoladas (LP – leitura de palavras), leitura de frases (LF – leitura de frases), leitura de um texto (LT – leitura de texto) e fala espontânea (DI – discurso informal). A diferença entre os dois tipos de fala reside no facto de a primeira seguir um guião previamente estabelecido (destinado a apurar as características sociolinguísticas do falante) ao contrário da segunda, que seguiu o fluxo do raciocínio dos participantes livremente, sem haver questionário pré-preparado nem controlo temático. De um modo geral, as entrevistas caracterizam-se por um grau elevado de informalidade em DI, embora algumas delas também apresentem um razoável índice de informalidade em DF. A intenção de realizar as tarefas nesta ordem foi a de fazer com que os testes fossem acompanhando a naturalidade das situações reais (i. é com o passar do tempo, por se ganhar mais à-vontade ao longo da entrevista, fala-se mais informalmente, em princípio) e, por isso, obter com mais facilidade no fim da entrevista uma conversa muito informal, relativamente longa. As gravações têm duração média de 75 minutos.

Para alguns dos fenómenos, usaremos apenas uma parte das entrevistas, visto que nem todas elas puderam, por enquanto, ser tratadas quantitativamente.

### **Características sociolinguísticas variáveis e sua relevância para classificação dos fenómenos variáveis**

Para estimarmos o papel desempenhado na língua por cada fenómeno linguístico, tivemos em consideração o seguinte conjunto de aspetos sociolinguísticos:

---

<sup>2</sup> Para uma descrição da entrevista sociolinguística laboviana veja-se, por exemplo, Tagliamonte (2006: 37-49).

Todos os fenômenos avaliados neste trabalho são variáveis e consistem em potenciais mudanças, observadas em tempo aparente. A identificação de uma variável fonológica decorre da atestação de mais do que uma variante linguística para um dado contexto estrutural numa dada comunidade de falantes. Um fenômeno constituirá uma variável linguística sempre que apresente para o mesmo valor referencial duas ou mais formas variantes, devidas a fatores internos (linguísticos) ou externos (sociais, por exemplo

Em sociolinguística são habitualmente designadas mudanças em tempo aparente as mudanças observadas num mesmo momento histórico por comparação da pronúncia de falantes pertencentes a diferentes faixas etárias. (Labov, 1994: 43-112). No presente estudo não foi possível estudar mudanças em tempo real, uma vez que não existem estudos anteriores das mesmas comunidades com os quais comparar os resultados nem foi ainda possível replicar a metodologia nas mesmas comunidades anos mais tarde.

Qual é a frequência da variante em termos sociais, estilísticos, etários e das duas variedades linguísticas?

O trabalho quantitativo frequencial é um dos meios de aferir a proporção de ocorrência das variantes de uma dada variável. Neste trabalho não foi possível recorrer a outro tipo de trabalho quantitativo que possibilitasse o cálculo probabilístico de cada variante, porque não foi construída uma base de dados nos moldes das construídas com o Varbrul, por exemplo. Usaremos os dados de frequência obtidos na nossa Base de Dados (desenvolvida no programa Access especificamente para tratamento dos nossos dados).

A variante constitui um estereótipo? Um marcador ou um indicador de classe? (Labov, 1994).

Estereótipos são as variantes estigmatizadas de uma variável, que habitualmente dão origem a hipercorreções e que não apresentam uma distribuição regular pelos grupos sociais, estilísticos ou etários (*idem*: 78). Marcadores são variantes linguísticas, com o mesmo valor referencial (Tagliamonte, 2006: 72), às quais os falantes não prestam tanta atenção como aos estereótipos, mas que mostram estratificação estilística e social (*ibidem*: 78). Indicadores de classe são as variantes das quais os falantes não têm geralmente consciência e, por isso, não são alvo de comentários, mas que diferenciam os grupos sociais, uma vez que o seu uso pode ser substancialmente diferente de grupo para grupo (*ibidem*: 78).

Como se classifica a variante quanto ao estimado percurso da mudança?

Dependendo da frequência com que surgem nos grupos sociais da comunidade, as variantes podem ser classificadas num dado momento histórico como sendo mais

propiciadoras de uma mudança linguística ou mais propiciadoras da manutenção da forma linguística conservadora.

Há acomodação do falante ao interlocutor?

A acomodação linguística é uma tendência natural de todos os falantes em situações de interação. Em qualquer situação normal, os falantes procuram captar a simpatia do seu interlocutor, fazendo pequenas adaptações do seu discurso vernáculo ao modo de falar da pessoa com quem falam ou, pelo menos ao modo como elas acham que ela fala, inconscientemente, muitas vezes (Giles e Powesland, 1975).

Esta tendência é particularmente importante numa situação como a das entrevistas do CPE-Var. Aí, o entrevistador já conseguiu a benevolência do entrevistado em participar, é de origem diferente do entrevistado. Nas gravações de Braga, o entrevistador é supostamente falante de um dialeto mais próximo do português padrão (centro-meridional), é professor na universidade de Lisboa, tem curiosidade de ouvir para analisar gravações com muitos falantes da cidade de Braga. Nas gravações de Lisboa, o entrevistador não é falante nativo da cidade e, por vezes, adota formas linguísticas centro-meridionais, que afastam a sua pronúncia da dos entrevistados. O entrevistado, embora esteja na cidade em que vive, encontra-se num ambiente, que nem sempre é o mais acolhedor, perante um gravador com necessidade de ter alguns cuidados acústicos e é sujeito a uma série de testes de leitura, prévios à realização da conversa final informal (Discurso Informal). Em geral, é a primeira vez que fala com a entrevistadora e, em alguns casos, é natural que se sinta tentado a ajustar o seu discurso ao do entrevistador, com a expectativa de usar um discurso mais cuidado que não ofereça grandes problemas de interpretação (adequado a interações com falantes com os quais se tem pouca ou nenhuma familiaridade). Apesar de a entrevistadora tudo ter feito para que esse efeito fosse minimizado durante a entrevista, reconhece-se que há casos em que é nítida a sua existência.

O fenómeno gerou hipercorreções?

Hipercorreções são aquelas produções agramaticais, resultantes da aplicação generalizada de um traço linguístico a contextos nos quais a língua não os implementa. Uma hipercorreção seria, por exemplo, a pronúncia de um [R] em coda em Português Europeu (*carta*).

Há evidência de que o falante está consciente do uso que faz da variante do seu dialeto?

Há traços linguísticos dos quais os falantes têm plena consciência e outros dos quais eles não têm consciência nenhuma<sup>3</sup>. Para uns, são capazes de identificar as variantes existentes e dizer quem as usa e, para os outros, não são capazes de o fazer. Se alguém lhes chamar a atenção para as diferenças das variantes podem exprimir juízos de valor a respeito das variantes, mas continuarão a usar a que lhes é própria, se não prestarem atenção ao discurso.

Assim se explica o facto de os falantes recorrerem muitas vezes às variantes específicas do seu dialeto de origem, mesmo quando tentam referir a forma da língua padrão. Isso aconteceu, por exemplo, com a variável /v/ em Braga e com outras variáveis, como a da realização das terminações finais nasais tónicas, *pã* [ẽw], que foram produzidas com [õw].

A variante tenta impor-se a partir de baixo ou de cima na hierarquia social?

Dependendo da expressão real que uma variante tenha em diferentes grupos na hierarquia social de uma comunidade, a variante poderá ter mais ou menos probabilidades de se impor nessa mesma comunidade e nas que a rodeiam. Desde Labov (1966) vários estudos sociolinguísticos já demonstraram que as variantes que surgem em grupos no topo da hierarquia social têm mais condições para se tornarem mudanças linguísticas a breve trecho do que as que surgem em camadas sociais mais próximas da base da pirâmide social. Isso acontece porque, inconscientemente, é atribuído mais prestígio ao modo de falar das classes com mais prestígio, visibilidade ou poder na comunidade (Labov, 1994: 78).

A variante está em difusão, mas ainda circunscrita a um grupo social ou a um subconjunto pequeno de itens lexicais ou de contextos?

Uma variante está em difusão quando se verifique que grupos que anteriormente não a possuíam a passam a usar. Primeiro, com baixa frequência e, gradualmente, com mais frequência. As variantes tendem sempre a impor-se, isto quer dizer que tendem a generalizar-se no maior número de falantes que for possível e a todos os contextos em que seja possível utilizá-las. Por vezes, no entanto, as variantes não conseguem impor-se generalizadamente em todo o léxico com um dado contexto. São, portanto, variantes de aplicação restrita e por esse motivo têm menos probabilidades de se difundir. Se isso acontecer, a variante pode ser considerada exclusiva de um dado grupo social ou de determinado tipo de registo de língua (Labov, 2001).

---

<sup>3</sup> Labov (1994: 157 e seguintes) refere que o grau de atenção prestada ao discurso varia em função do tipo de discurso sendo mais controlado nos diferentes tipos de leitura do que na fala espontânea, especialmente, nas partes em que haja envolvimento emocional por parte do informante.

A variante está em regressão?

É normal que, se uma variante apresentar pouca ou nenhuma expressão nos grupos etários jovens e pouca expressão nos da faixa etária elevada, ela se encontre em regressão na comunidade (Tagliamonte, 2006: 85). Apesar disso, nem sempre a regressão é rápida, porque podem existir, por vezes, movimentos contrários, que tendam a retomar o seu uso consistente. Saber distinguir os diferentes casos não é tarefa fácil muitas vezes, já que as alterações do tecido social, a mobilidade das populações, etc., dificultam muito a captação das tendências da mudança linguística.

## Fenómenos variáveis em Braga (invariáveis em Lisboa)

### (1) Alongamento de vogais tónicas em posição pré-pausal

- a. A casa é da minha *avó*. [ó:]
- b. Foi na *Sé*. [é:] Aqui na (...)
- c. Esse é o caso da tua *irmã*. [á:]
- d. No Natal assa-se o *perú*. [ú:]
- e. Eu já disse que isso não bom para *nenhum*! [ũ:]

O alongamento, como traço marcado de Braga, não é usado por falantes licenciados de Braga no CPE-Var, embora seja usado pelos não licenciados entre 90 e 100% das ocorrências, embora incluindo todos os falantes e tipos de discurso atinja: 38% das ocorrências. Parece encontrar-se sujeito a variação estilística, como sugere Rodrigues (2003: 136-137): 41.6% em DI, 35,7% em LP, embora isso deva ser desvalorizado, em face da desigualdade de contextos e número de ocorrências tratadas de DI e LP.

Na verdade, se adotarmos a proposta descritiva do acento lexical de Mateus e Andrade (2000), poderá consistir no preenchimento fonético da posição métrica final, habitualmente vazia no PE standard<sup>4</sup>, em todos estes casos. Curiosamente, este dialeto mostra com estes fenómenos uma tendência similar ao dialeto falado no Alentejo. Nessa região o

---

<sup>4</sup> Usamos PE standard como sinónimo de língua (portuguesa) padrão como Rodrigues (2003): p. 35-38, visão com a qual Castro, 2006: p. 3 parece concordar ao dizer que é “uma variedade escrita e falada que é usada pela população escolarizada e reconhecida como a variedade que mais facilmente se presta a ser reproduzida, sem erros evidentes, mas também sem formas demasiado cultas, incompreensíveis ou rebuscadas. O lugar comum a todos, mais do que um modelo de perfeição clássica.” (consultado em: 8 de Fevereiro de 2013 em [http://www.clul.ul.pt/files/ivo\\_castro/2006\\_Norma\\_e\\_ensino.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2006_Norma_e_ensino.pdf)). A mesma visão está representada na seguinte afirmação de Preston, D. (1989: 327): “Surely one of the functions of the standard is to convey serious information in a variety which implies that the speaker or writer is well-informed and which disallows a caricature of the message itself on the grounds that it is delivered in “incorrect” language.”.

preenchimento paragógico dá-se por inserção de [i] ou de [ĩ] após palavras terminadas em consoante sonante /l/ ou /r/: Isso acontece a qualquer *animal*[i] / [ĩ]. Gosto pouco dessa *cor*[i]).

Em Braga, o preenchimento é mais notório após vogal (mediante o alongamento da vogal), apesar de antes pausa também poder ocorrer após consoante vibrante sob a forma [ĩ] (*ir*[ĩ], *fazer*[ĩ]).

O alongamento pré-pausal destas vogais em Braga tem a mesma função da inserção de [ĩ] em posição pré-pausal: em palavras como *ti* [íĩ], *fim*, *mim* [ĩĩ].

Braga preserva frequentemente o alongamento destas vogais, apesar de os licenciados se terem acomodado à pronúncia do entrevistador no CPE-Var, evitando assim a pronúncia das formas alongadas destas vogais.

A forma breve das vogais neste contexto pré-pausal, existindo somente na pronúncia dos licenciados de Braga na presente situação de entrevista, poderá ter uma difusão lenta no dialeto e, por enquanto, constitui um indicador linguístico da classe mais escolarizada.

## **(2) Labialização de consoantes em ataque de sílabas com /o/ tónico**

O desenvolvimento da articulação secundária na consoante que precede um /o/ tónico, [w<sup>o</sup>], é um traço marcado, muito evitado pelos falantes licenciados de Braga com idades compreendidas entre os 30 e 49 anos, embora surja em falantes de todos os perfis. O fenómeno tem especial incidência nos falantes mais velhos do sexo masculino (frequência média em Braga de 11.3% em palavras sem nasalidade (*consumidor*) e de 12.5% em palavras com nasalidade (*contas*) - cf. Rodrigues (2003: 125-126 e 388-9), Rodrigues (2002a) e (2002b). Mantém-se ainda nos falantes das faixas etárias mais baixas, sobretudo nos do sexo masculino. Apresenta sempre frequências baixas de ocorrência, sobretudo no discurso lido.

O fenómeno está em regressão nos diferentes grupos sociais e está relacionado com a instrução. Parece-me, pela minha experiência com falantes de Braga fora de contextos de observação (ou seja, em situações não gravadas) que deve ser mais frequente na fala vernácula do que em situação de contacto com alguém de outra variedade linguística, como foi o caso da situação das entrevistas do CPE- Var.

Devido à estratificação encontrada, nomeadamente, por ter fraca ocorrência na fala das falantes femininas,<sup>5</sup> Braga tenderá a perder este traço conservador marcado. O traço é simétrico com a palatalização da consoante precedente à vogal /e/ na cidade parece já ter-se perdido (embora nas regiões circundantes ainda possa surgir). Em alguns trabalhos dialetológicos estes traços têm sido interpretados como criação de um ditongo crescente (Martins e Vitorino, 1989). Fonologicamente faz mais sentido que não seja assim, porque se trataria de um caso isolado na fonologia da língua de criação de ditongos crescentes. Parece-nos, como foi proposto em trabalhos anteriores (Rodrigues 2002a e b) que se trata, em vez disso, do desenvolvimento de espraimento na consoante precedente ou no ataque vazio precedente (- *Onde vais?*).

### (3) /i/ tónico realizado como [ɨ] e [é]

O /i/ pode ser realizado como [ɨ] em *sentiu*, *viu*, *marinha*, *maravilha*, contextos pré-palatais e, em determinadas formas verbais do pretérito, pode ser produzido e percebido como um [é]: eu *fiz* [féʃ], eu *tive* [téβɨ]. Estas variantes fonéticas são traços marcados. A realização de um [e], é simétrica da que surge em Braga nas formas verbais com /u/, como eu *fui*, formas que são realizadas em Braga com [ó]. Nos pretéritos deste tipo, estas realizações levam à indistinção perceptiva de duas formas distintas dos verbos na primeira e terceira pessoas do singular, ou seja, levam à neutralização fonética, pelo menos, sempre que estes falantes falam com falantes de outros dialetos.<sup>6</sup>

Segundo Rodrigues (2003) estas realizações do /i/ aparecem em falantes de vários perfis, especialmente nos mais conservadores, ainda que não tenham sido contabilizadas nesse trabalho. As ocorrências carecem de estudo acústico, uma vez que já foi encontrada alguma proximidade entre os valores de F1 e F2 registados em Braga para as vogais [i] e [e] Rodrigues e Martins (2000) e, por outro lado, alguma proximidade desses valores com os da vogal [ɨ].

---

<sup>5</sup> Desde Labov (1984) tornou-se muito claro que as mulheres tendem a adotar mais cedo do que os homens as formas da língua padrão e as inovações recentes, embora conservem, por outro lado, as variantes mais antigas nos casos de variáveis estáveis.

<sup>6</sup> Para uma clarificação da variação associada às formas de P1 e P3 nos verbos com pretéritos fortes no Minho, sugere-se a consulta de Mota, Rodrigues e Soalheiro (2003).

#### **(4) Nasalidade realizada como consoante nasal em coda interna**

Contrariamente ao que acontece nos dialetos centro-meridionais, a nasalidade é realizada como coda homorgânica da consoante do ataque seguinte, em palavras como *pomba*, *canto*, *pende longo*. Uma vez que a consoante nasal está em coda, não há espriamento da nasalização na vogal do núcleo, nem a concomitante elevação da vogal /a/ (\*[ɐ]).

Rodrigues (2012) afirma que nas formas com /aN/ a pronúncia com vogal oral aberta e nasal em coda correspondem a 32% das ocorrências em DI, surgindo em todos os tipos de falante de Braga, apesar de o fenómeno estar sujeito a variação estilística.

A presença da consoante nasal realizada em coda consiste num traço conservador, que é um marcador do dialeto de Braga.

#### **(5) Não nasalização da vogal final de *irmã*, *romã***

As vogais deste tipo (que, noutros dialetos, são nasalizadas), em Braga, não recebem nasalização, porque a consoante não se associa ao núcleo no dialeto e, por outro lado, também não apresentam a consoante nasal em coda, porque se trata de uma posição final (contexto que inibe a presença de tal consoante). As vogais surgem, portanto, sob a forma [á].

A ausência desta nasalidade pode surgir em todos os perfis de falantes de Braga. Apesar de não quantificada a ocorrência destas vogais orais, pode obter-se mais informações em Rodrigues (2012).

A falta de nasalização é sentida como um marcador de Braga pelos falantes de outros dialetos.

#### **(6) Não elevação do /a/ tónico inicial antes de uma C nasal em ataque, *amo*, *ano*, *anho***

A manutenção da abertura da vogal inicial neste contexto, um marcador de B, parece ser uma consequência da sua não nasalização, tal como acontece em *irmã*.

Saliente-se, porém, que no dialeto de Lisboa a nasalização também não é percebida pelos falantes do dialeto e a vogal é elevada, realizando-se como [ɐ]. O facto de não ser

percebida, no entanto, não implica que não seja produzida. A nasalização é um processo gradual<sup>7</sup>. Isso pode levar a diferentes interpretações por parte de falantes provenientes de diferentes regiões.

Noutros dialetos centro-meridionais, pelo contrário, a nasalização e a elevação são muito claras em termos de produção. Os falantes desses dialetos produzem estas vogais com nasalização e percebem até essa nasalidade na pronúncia dos falantes de Lisboa.

Rodrigues (2012) diz que 26% das formas deste tipo apresentam vogal baixa em Braga em DI, contra 44% na LP, contrariando a tendência para as formas mais marcadas do dialeto de Braga surgirem mais frequentemente nos estilos discursivos menos controlados.

A realização desta vogal como [a] antes de uma consoante nasal em Braga pode surgir em qualquer tipo de falante.

### **(7) Ditongação de /o/ em hiato com /a/ do marcador de classe, *melo***

Em contextos como os da palavra *melo* (passíveis da descrição: [[meloN]<sub>Raiz</sub> Nominal[a]<sub>Marcador de classe</sub>Nome) a nasalidade, tal como nos restantes dialetos, não se ancora. A falta de ancoragem da nasalidade deixa as duas vogais em hiato, contexto estrutural amplamente evitado na história da língua portuguesa. No dialeto falado em Braga, estas estruturas levam à inserção da semivogal [w], para resolução desse hiato. Alguns falantes desencadeiam ainda uma outra mudança, complementarmente, a perda da labialidade da vogal /o/ ([éwɐ]).

A inserção da semivogal e a consequente centralização da vogal tónica são traços conservadores e marcados de B.

No que se refere à inserção, ela atinge 15% das ocorrências, em LP e DI de diversos tipos de informante (cf. Rodrigues (2002a e b). Nos falantes licenciados da faixa etária 3 (BF/M33) só surge na leitura, não em DI.

Fonologicamente consiste num espraçamento da labialidade à direita, criando-se um ditongo decrescente e, por consequência, pode haver perda do arredondamento do /o/, de modo a evitar que os dois segmentos agora no núcleo partilhem a labialidade. Este último

---

<sup>7</sup> Gonzalez (2008) apresenta uma proposta de análise da nasalidade do PE standard e do Galego que se poderá alargar ao dialeto falado em Braga. No que à nasalidade diz respeito os dialetos setentrionais aproximam-se mais dos dialetos galegos do que do PE padrão.

processo dissimilatório atua, portanto, em sentido inverso ao do desenvolvimento da semivogal.

### **(8) /v/, com [b] ou [β], em alternância com [v]**

A variável /v/ atinge frequências de ocorrência das suas três variantes muito diferentes de falante para falante e de grupo social para grupo social. A frequência com que aparecem as variantes está relacionada com a instrução, a idade e o sexo. Esta variável gera muitas vezes hipercorreções. Tal como descrito em Rodrigues (2003: 281-292), o fenómeno está em lenta regressão. Apenas uma falante licenciada da faixa etária 3 não apresentou qualquer [b] ou [β]. Essa falante da classe média-alta é professora e manteve sempre um uso padronizado da língua na durante a entrevista do CPE-Var, para todos os traços dos quais tinha consciência. As realizações bilabiais são estereótipos de Braga, como dos dialetos setentrionais em geral.

A forma [v] aparece em 66% das ocorrências nos dados do CPE-Var em DI, contra 32.4% de [β] e 1.3% de [b]. Existe variação estilística: maior percentagem de [v] em LP (89.4%) e LF (80.2%) do que em DI, mostrando que nos registos discursivos mais controlados os falantes tentam fazer uso da forma padrão. Esse é o comportamento natural de qualquer falante perante traços linguísticos estereotipados em situação de maior controlo discursivo.

## **Fenómenos variáveis comuns a Braga e Lisboa**

### **(9) Centralização de /e/ tónico antes de palatal (hetero e homossilábica)**

Em palavras como *telha*, *tenha*, palavras com /e/ tónico seguido de consoante palatal sonante (/ɲ/ /ʎ/), os falantes de Lisboa apresentam 93.8% de realização [e] ([ej] nunca ocorre neste tipo de palavras). A frequência de ocorrência dessa variante desce antes de fricativa palatal (*seja*, *fecha*), onde só ocorre em 64% dos casos, embora aí, a vogal centralizada surja acompanhada de glide em mais 32.3% das ocorrências. A centralização é portanto, mesmo antes de fricativa heterossilábica, quase total em Lisboa.

Os dados de Braga apresentam [e] antes consoante palatal sonante em 58.7% dos casos e vogal central com inserção de glide ([ej]) em mais 2.5% (as formas ditongadas neste

contexto são exclusivas de Braga, portanto). Antes de consoante fricativa palatal, a forma central da vogal atinge 34.6% das ocorrências, porém, as formas mais frequentes são as que apresentam a inserção de semivogal, 51.2% de [ej].

Braga está portanto a centralizar menos do que Lisboa nestes contextos, ainda que a criação do ditongo esteja mais avançada, estendendo-se já aos dois contextos referidos, sensivelmente na mesma proporção.

Se a seguir ao /e/ ocorrer um /S/ como em *sexta* (mas não como em *cesta*, onde é sempre realizada como [e]), a vogal /e/ em L apresenta variação apenas na faixa etária 3. Em algumas células apresenta [e] mais frequentemente do que noutras, como é o caso de LF13, mas a centralização e a ditongação são mais frequentes nas células de licenciados, LF33 e LM33. Há células só com falantes que usam exclusivamente a forma ditongada, tanto das faixas etárias mais altas como mais baixas.

Em Braga, a forma ditongada nas palavras do tipo de *sexta* é maioritária e a única em usada por algumas células (Rodrigues, 2003: 133). Tal como em Lisboa, nas palavras do tipo de *cesta* não existe centralização nem ditongação.

Por tudo isto, em contexto pré-palatal, a percentagem de centralização está sujeita a grande variação de contexto para contexto e de cidade para cidade.

Em Lisboa há maior instabilidade nas falantes menos instruídas da faixa etária 3, o que parece estar de acordo com o comportamento habitual de falantes com esse perfil perante um traço variável cuja forma prestigiada não é aparentada com a forma ortográfica (tida, por vezes, como padrão). Elas usam as formas conservadoras com um [e] mais frequentemente do que os outros falantes, talvez por essa razão.

Em Braga, a idade e a instrução podem interferir nos resultados de contextos específicos, mas não de todos. As percentagens mais altas de centralização em Braga registam-se antes de fricativa heterossilábica.

Em Lisboa a centralização parece ter tido o seu início nas palavras com sonante, onde apresenta percentagens muito elevadas. A frequência da centralização é sempre superior em Lisboa nos diferentes contextos.

Parece tratar-se de uma inovação em Braga, que constitui um marcador linguístico de Lisboa e de Braga, em difusão a partir de das classes mais escolarizadas e do sexo feminino. Consiste numa variante de prestígio, cada vez mais presente em dialetos onde /e/ realizado como [e] sempre foi traço quase identitário, como o do Alentejo.

### **(10) Inserção de [j] pré-palatal**

A inserção da semivogal não recuada, processo independente da centralização de /e/, ocorre se a vogal for tónica e o segmento seguinte for uma consoante palatal heterossilábica palatal ou um /S/ especificado como Coronal (ou seja, em palavras como *tenha, telha, seja, fecha, sexta*, em Braga e só nas três últimas em Lisboa, nos dados do CPE-Var).

A inserção de [j] apresenta frequências variadas em função tipo de consoante da sílaba seguinte nas duas cidades. É um processo em expansão que atinge cerca de 35% das formas com consoante fricativa heterossilábica em Lisboa e cerca de 55% em Braga, sendo bloqueado em Lisboa pelas consoantes sonantes palatais, mas com aplicação menos restritiva em Braga. Em sílabas com /S/ (*sexta*) a inserção ocorre quase sempre, nas duas cidades.

Trata-se de uma inovação, um marcador de Lisboa e de Braga em difusão, contexto a contexto e na grelha social. Os falantes com mais idade tendem a preferir a forma não centralizada, mas apresentam mesmo assim a inserção da semivogal.

Os resultados de inserção de [j] em Lisboa do CPE-Var são mais elevados (32.2% antes de sibilante heterossilábica) do que os observados em Barros (1994: 169), 17.7% (registados só antes de sibilante). Isso mostra que o processo se encontra em franca expansão.

### **(11) Fricatização das oclusivas vozeadas**

A fricatização (realização de [β], [ð], [ɣ], para /b/, /d/ e /g/, respectivamente) atinge, em Braga, valores médios de produção nos licenciados de ambos sexos com idades entre os 26-39 anos: 55% das ocorrências de /b d g/ e cerca de 40% em Lisboa (estes grupos sociais tendem a servir de modelo para os restantes falantes e por isso Rodrigues (2003: 388) associa o seu modo de falar ao padrão do português europeu), embora a frequência varie de oclusiva para oclusiva, tal como acontece nos falantes das duas cidades com menos instrução da mesma faixa etária. Os dados permitem concluir que a fricatização ocorre nas duas cidades em concorrência com as produções oclusivas, mais típicas de dialetos centro-meridionais, mas, em Braga, a fricatização está mais adiantada do que em Lisboa.

A fricatização é mais frequente em contexto intervocálico, embora também possa surgir em ataque silábico complexo nas duas cidades.

A fricativação ocorre mais no caso da oclusiva dorsal /g/ do que no da labial/b/. /d/ é de todas as colusivas a que apresenta frequência mais baixa da fricativação, em conformidade com a assimetria das coronais na fonologia da língua (e universalmente).

Este processo tem portanto condicionamento misto quer por fatores estruturais e contextuais, quer por fatores sociais.

### **(12) Queda de /r/ em coda final**

A queda da vibrante simples em coda ocorre um pouco mais frequentemente em Braga do que em Lisboa, rondando em ambas as cidades os 35% das ocorrências no CPE-Var (Rodrigues (2003) e Mateus e Rodrigues (2004)). Este facto, tão associado à pronúncia brasileira, tem portanto expressão significativa também em PE.

A frequência da queda em PE está relacionada com o contexto seguinte: raramente ocorre se o segmento for seguido de vogal, apesar de ocorrer antes de consoante entre 50 e 75% dos casos. Em final de frase, o /r/ é muitas vezes ressilabificado em ataque de sílaba, devido à inserção de uma vogal à sua direita.

O desaparecimento do /r/ não apresenta distribuição diferenciada por grupos socioculturais nas duas cidades estudadas. Trata-se portanto de um traço cuja variação está estritamente associada a fatores linguísticos.

### **(13) Realização de /r/ em ataque com vibrante múltipla dento-alveolar [r]<sup>8</sup>**

A vibrante em posição inicial de palavra ou a seguir a uma coda ou N costuma ser realizada em PE como [R] (*rato, Israel, palra, carro,<sup>9</sup>tenro*). Todavia, a língua ainda admite variação. Nestes contextos, a vibrante /r/ pode igualmente ser realizada como [r]. A frequência de [r] é relativamente baixa nas duas cidades, no entanto. Lisboa apresenta a vibrante múltipla anterior em 16.4% das ocorrências e Braga em 23.6% em posição inicial, por exemplo. A forma [r] é menos frequente ainda em posição interna: Lisboa apresenta-a em 12.4% dos casos e Braga em 21.4% (Rodrigues, 2003: 258-262).

---

<sup>8</sup> /r/ em ataque interno é sempre realizado como [r].

<sup>9</sup> Analisamos *carro* como Mateus e Andrade (2000), i. é, com /r. r/.

A forma anterior [r] restringe-se a alguns falantes das faixas etárias 3, 4 e 5 (todas acima dos 26 anos).

Normalmente, cada falante escolhe intuitivamente a sua variante, usando-a em todos os contextos apropriados. Porém, há casos de falantes que oscilam, usando ora formas anteriores, ora formas não anteriores. Esses, geralmente, apresentam mais frequentemente as formas não anteriores do que [r], mostrando que estão já muito recetivos à mudança [r] > [R].

#### **(14) /oU/ realizado como [o]**

A monotongação do ditongo decrescente /oU/ em Lisboa está concluída, ao contrário do que acontece em Braga, onde constitui uma inovação, com valores próximos de 30% das ocorrências somente. Ocorre mais frequentemente na fala das mulheres do que na dos homens e mais na das mais instruídas do que na das com menos instrução. É mais frequente nas faixas etárias mais baixas do que nas mais altas, embora esteja presente na pronúncia de todos os falantes de Braga (Rodrigues 2003: 127-128).

Devido à sua distribuição por grupos sociais em Braga, a presença de [o] é seguramente um traço inovador do PE padrão em expansão, liderado pelas falantes femininas mais instruídas na cidade de Braga.

#### **Observações finais**

Dos catorze aspetos da fala bracarense descritos acima, oito não ocorrem em Lisboa. Por essa razão e por um conjunto de outras razões não exploradas aqui como a entoação (entre outros traços fonológicos e fonéticos), o português falado em Braga é significativamente diferente do PE standard em termos fonéticos.

Foram listados seis aspetos comuns a Lisboa e a Braga, cinco dos quais se encontram em clara difusão em PE: a centralização de [e], a inserção de [j], a fricativação de /b/, /d/ e /g/, a queda de /r/ e a monotongação de /oU/. O sexto /r/ em Ataque silábico encontra-se em regressão. Podemos ver que a fala de Braga está a mudar no mesmo sentido da de Lisboa. Há vários fenómenos nos quais a variação tem condicionamentos contextuais e condicionamentos socioculturais ((9) centralização, (10) inserção de [j], por ex.), há outros cujo condicionamento é social ((1) alongamento vocálico, (8) /v/, (2) labialização, (14) /oU/, etc.). e há ainda outros nos quais o condicionamento é contextual ((12) queda do /r/).

Dos oito fenómenos de Braga descritos, só um constitui um estereótipo, a variável /v/. Quanto a esta variável, verificou-se nos dados do CPE-Var que, por a situação da entrevista envolver uma entrevistadora de outra variedade linguística, houve acomodação e a tentativa de minimizar a ocorrência das formas mais estigmatizadas, a par de múltiplas hipercorreções. Braga muda, para não ter a forma mais estigmatizada. Convirá verificar se, nos dados do Projecto Sociolinguístico da Fala Bracarense (PSFB) em curso no CEHUM, [v] ocorre mais ou menos, para se perceber o sentido da mudança e se o efeito de acomodação é menor.

Os sete fenómenos que constituem marcadores da fala de Braga não sofrem tanta pressão para a mudança como /v/, ainda que falantes de outras regiões se possam aperceber de algumas das diferenças fonéticas existentes. Como não estão sujeitos a tanta vigilância por parte dos falantes, estes traços podem manter-se, mesmo sendo traços conservadores, preservando a identidade do dialeto.

O traço (1) Alongamento vocálico, como só foi evitado pelos licenciados no CPE-Var e tem frequência muito elevada, tenderá a ser preservado.

O contrário deverá passar-se com o traço (2) Labialização, devido à sua distribuição social, que é propícia à mudança e, mesmo ao traço (3) /i/ realizado como [i] ou [e], embora este último tenda a mudar mais lentamente.

O traço (2) Labialização é dos mais salientes da fala bracarense, apesar de apresentar já frequência baixa. Como tem mais expressão só nos falantes do sexo masculino e no grau de instrução mais baixo, está em franca regressão.

O traço (3) /i/ realizado como [i] ou [e], é também claramente associado à fala de Braga pelos falantes de outros dialetos e, como nos verbos gera algumas formas homófonas, é avaliado negativamente (exceto em Braga). Não sendo muito numerosas essas formas, o traço poderá manter-se em Braga durante muito tempo.

Chegados a este ponto, resta-me dizer que os traços relacionados com a nasalidade, uma vez que não estão ainda suficientemente contabilizados, não nos permitem ainda extrair conclusões relativas ao percurso da mudança linguística. Relembro, uma vez mais, que as tendências de mudança que indico foram observadas em tempo aparente apenas.

Para além das comparações com os dados recolhidos mais recentemente no PSFB, seria útil replicar as entrevistas com os mesmos informantes do CPE-Var, se tal fosse possível.

## Referências

BARROS, Rita Queirós (1994), *Contributo para uma análise sociolinguística do Português de Lisboa: variantes de /e/ e /ɛ/ em contexto pré-palatal*, Tese de Mestrado, FLUL.

CASTRO, I., 2006, “Norma linguística e ensino do português”, In *Caderno Escolar. Pensar a Escola*, n.º 3, Lisboa, p. 30-34. [disponível em [http://www.clul.ul.pt/files/ivo\\_castro/2006\\_Norma\\_e\\_ensino.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2006_Norma_e_ensino.pdf); consultado em 08.02.2013.].

GILES, Howard and Peter POWESLAND (1975), *Speech Style and Social Evaluation*, Academic Press, New York.

GONZALEZ, Marcos Garcia (2008), *Português Europeu e Galego: estudo fonético e fonológico das consoantes em rima medial*, Tese de Mestrado, FLUL.

LABOV, William (1966), *The Social Stratification of English in New York City*, Washington, D.C., Center for Applied Linguistics.

LABOV, William (1984), “The intersection of sex and social factors in the course of language change”, Paper presented at N.W.A.V.E., Philadelphia.

LABOV, William (1994), *Principles of Linguistic Change, Internal Factors*, vol. I, Blackwell, Cambridge e Oxford.

LABOV, William (2001), *Principles of Linguistic Change, Social Factors*, vol. II, Blackwell, Massachusetts e Oxford.

MATEUS, Maria Helena Mira and Ernesto d’ANDRADE (2000), *The Phonology of Portuguese*, London, Oxford University Press.

MATEUS, Maria Helena Mira e Celeste RODRIGUES (2004), “A vibrante em Coda no Português Europeu.” In *Actas do 19º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Lisboa, p. 289-299.

MARTINS, Ana Maria e Gabriela VITORINO (1989), “Palatalisation et Velarisation Conditionnées de la Voyelle Tonique dans Certains Dialectes Portugais. Evolutions Identiques dans l’Espace Roman,” In *Espaces romans études de dialectologie et de géolinguistique offertes à Gaston Touaillon*, Vol. II, ELLUG, Univ. de Sthendal – Grenoble 3, pp. 330-356.

MOTA, Maria Antónia, Celeste RODRIGUES e Elisabete SOALHEIRO (2003), “Padrões Flexionais dos pretéritos fortes em PE falado setentrional”, in CASTRO, Ivo e Inês DUARTE (orgs.) (2003), *Razões e Emoção*, Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus, INCM, Lisboa, vol. II, p. 129-155.

PRESTON, Dennis (1989), “Standard in English spoken here: the geographical loci of linguistic norms”, In AMMON, Ulrich. (ed.) (1989), *Status and Function of Languages and language Varieties*, Berlin, de Gruyter,

p. 324-54, [citação da p. 327, *apud* MACAULEY, Ronald (1997), *Standards and variation in urban speech*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam and Philadelphia, p. 32-33.].

RODRIGUES, Celeste (2002a), “Variação Linguística em *Porto*”, In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, CLUP, Porto, vol. I, p. 119-130.

RODRIGUES, Celeste (2002b), “Questões de Espriamento”, *Actas do 17º Encontro Nacional da APL*, Lisboa, p. 419-432.

RODRIGUES, Celeste (2003): *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*, FCT-FCG, Lisboa.

RODRIGUES, Celeste (2012), “Variantes não-standard e tipo de discurso: (des)encontro de resultados”, In COSTA, Amanda e Inês DUARTE (orgs.) (2012), *nada na linguagem lhe é estranho*, Vol. em Homenagem a Isabel Hub Faria, Afrontamento, Porto, p. 215-228.

RODRIGUES, Celeste e Fernando MARTINS (2000), “Espaço acústico das vogais acentuadas de Braga”, In *Actas do 15º Encontro Nacional da APL*, APL, Braga, vol. II, p. 301-317.

TAGLIAMONTE, Sali (2006), *Analysing Sociolinguistic Variation*, Key Topics in Sociolinguistics, CUP, Cambridge.